

---

## **TENDA DOS MILAGRES, DE JORGE AMADO: UM ROMANCE HISTÓRICO SOBRE O RACISMO NO BRASIL**

Crisandeson Miranda<sup>1</sup>  
Edvaldo A. Bergamo<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo analisa a obra literária *Tenda dos milagres*, de Jorge Amado (1912-2001), publicada originalmente em 1969, como um romance histórico que focaliza a longa trajetória do racismo na sociedade brasileira, numa dupla temporalidade em tensão, quer narrativa, quer sócio-política: os anos posteriores à abolição da escravatura (começo do século XX) e os anos iniciais da ditadura civil-militar de 1964.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jorge Amado; *Tenda dos milagres*; romance histórico no Brasil; racismo.

**ABSTRACT:** The article analyzes the literary work *Tenda dos milagres*, by Jorge Amado (1912-2001), originally published in 1969, as a historical novel that focuses on the long trajectory of racism in Brazilian society, in dual temporality in conflict, both narrative and socio-political: the years after the abolition of slavery (beginning of the 20th century) and the early years of the 1964 civil-military dictatorship.

**KEYWORDS:** Jorge Amado; *Tenda dos milagres*; historical novel in Brazil; racism.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho<sup>3</sup> tem como objetivo analisar o livro *Tenda dos milagres* (2010), de Jorge Amado (1912-2001), como um romance histórico que reconstituiu artisticamente a situação nefasta do negro, após a abolição da escravatura, no Brasil, e mesmo em décadas posteriores do século XX. O exame crítico tem como eixo principal abordar a questão racial e, conseqüentemente, as forças motrizes existentes em torno desse dilema histórico de longa memória e suas contradições recorrentes na sociedade brasileira. Serão interseccionados forma literária e matéria histórica,

---

<sup>1</sup> Mestre pela Universidade de Brasília (UnB).

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e docente da Universidade de Brasília (UnB).

<sup>3</sup> Este texto resulta de Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura (Pós-Lit), da Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação do Prof. Dr. Edvaldo A. Bergamo.

descortinando uma narrativa de ficção do passado nacional que aponta para as mazelas de uma sociedade construída sob o alicerce do preconceito racial e da desigualdade social.

#### A FORMA LITERÁRIA DO ROMANCE HISTÓRICO

Walter Scott foi o criador do romance histórico. Lukács (2011) reconhece o romancista escocês como o pioneiro dessa forma ficcional de expressar a vida passada. O pioneiro do romance histórico acrescentou à literatura épica: “o amplo retrato dos costumes, das circunstâncias e dos acontecimentos, o caráter dramático da ação e, em estreita relação com isso, o novo e importante papel do diálogo” (LUKÁCS, 2011, p. 47).

Na sua obra, Walter Scott não economizou críticas à consolidação do capitalismo. O romancista demonstrou intensa indulgência pela miséria do povo inglês. Em seus romances, as demandas sociais não figuram em primeiro plano, como por exemplo, a luta de classe protagonizada pela burguesia de um lado e o proletariado do outro. Quando isso surge, é por meio da figuração artística das fases mais relevantes da história global da Inglaterra. O criador do romance histórico reflete as lutas e as oposições da história, figurando personagens que, em sua subjetividade e em seu destino, conservam-se como atores de correntes sociais e potências históricas. Scott mantém, em sua obra a objetividade histórica do épico legítimo, concebendo o processo de marginalização em sentido social e não individual, elegendo como protagonista um herói mediano, prosaico. A grandeza na expressão do romancista, ou seja, o seu diferencial, reside em atribuir vida humana a tipos sociais, trazendo-os, conscientemente, para o cerne da representação artística da realidade.

Sobre a temática histórica de Scott, pode-se destacar “a escolha de períodos e camadas da sociedade em que são plasmadas a antiga atividade épica dos homens, o antigo aspecto épico do caráter diretamente social e espontâneo público da vida” (LUKÁCS, 2011, p. 52). As personagens do romancista escocês são consideradas nacionais típicas, cuja tarefa é intermediar as oposições de uma grande crise da sociedade. Seus heróis têm como ponto central encontrar um terreno neutro para a configuração das forças motrizes e o estabelecimento da relação humana entre si, apresentando assim os grandes conflitos da vida histórica.

Tertulian (2008), ao analisar o que Walter Scott representa para Lukács, revela que aquele é para este uma mutação na história do romance: “Não é senão com ele que a *historicidade* dos destinos e paixões humanos teria adquirido uma presença sensível de literatura” (p.173, grifo do autor). O pesquisador evidencia que, na arte de Scott, a ação se concentra em torno de

crises históricas decisiva, encenando “meios sociais muito variados e de estratificação complexa” (TERTULIAN, 2008, p. 173). Ressalta que as personagens são medíocres, medianas, por isso esses heróis possibilitam a figuração das principais forças antagônicas.

Compreender o romance histórico de Walter Scott é reconhecer a riqueza de tons e as variações do seu momento histórico, consequência das variadas possibilidades de interações entre os homens e a unidade do ser coletivo. Com isso, a sua genialidade artística:

Retorna sob uma nova luz; as grandes personagens históricas, os líderes das classes e dos partidos em luta são do ponto de vista da trama, apenas coadjuvantes. Walter Scott não estiliza essas personagens, não as coloca em um pedestal romântico, mas retrata-as como pessoas dotadas de virtudes e fraquezas, de boas e más qualidades. No entanto elas nunca dão a impressão de mesquinhez. Com todas as suas fraquezas, agem de modo historicamente grandioso, o que se deve, é claro, à profundidade do entendimento de Scott acerca da peculiaridade dos diferentes períodos históricos. (LUKÁCS, 2011, p. 64)

O pioneiro e patriarca do romance histórico renova com originalidade a ficção épica, ao humanizar seus heróis históricos e se tornar o escritor do camponês, do soldado, dos proscritos, do artesão, atribuindo vida humana a tipos sociais, ou seja, ao povo. Ele absorve a totalidade da vida nacional, por meio das crises, das forças motrizes, do retrato dos costumes, dos fatos de caráter dramático e constrói o alicerce da sua expressão literária centrada na ação histórica. Scott capta as movimentações históricas e constrói suas personagens coerentes com o seu lugar e o seu tempo histórico. E é por se apropriar de todos esses elementos que o esteta húngaro conclui que não existiu romance histórico, antes de Scott.

Atualmente, o romance histórico se distancia da forma clássica e passa a apresentar livremente os tempos (passado e presente); coloca o romancista dentro da narrativa; os personagens centrais, agora, podem ser figuras ilustres; propõe situações contrafactuais; dissemina anacronismo, além disso, multiplica finais alternativos etc. Entretanto, é importante ressaltar que, em diferentes locais do planeta, a forma é revestida das características locais, ora se distanciando da forma clássica, ora não, confirmando a ideia “de que nenhum período estético é homogêneo” (ANDERSON, 2007, p. 217). Perry Anderson acrescenta que os temas contemporâneos do romance histórico se relacionam a outro momento: Ditaduras militares, assassinatos raciais, vigilância onipresente, entre outros.

Pode-se concluir que o romance histórico permanece vivo, dinâmico

e atuante. O gênero que se tornou popular no século XIX sobrevive até os nossos dias, apresentando uma história em movimento, se consolidando em uma forma aberta que incorpora outras. Esse gênero, também presente na história da literatura brasileira apresenta elementos característicos do seu lugar de produção ligados à realidade, à sociedade e aos próprios acontecimentos históricos do local, apontando que o laço histórico tem desdobramento futuro, ou seja, que a história do passado ajuda a compreender o presente e a modificar o futuro. Para análise do romance *Tenda dos milagres* (2010), como romance histórico, faz-se necessário estabelecer um panorama sobre a tradição do romance histórico no Brasil.

#### A FORMA LITERÁRIA DO ROMANCE HISTÓRICO NO BRASIL

Tratando-se, especificamente, da prosa de ficção histórica no Brasil, Regina Zilberman (2003) aponta para as experiências pioneiras realizadas por João Manuel Pereira da Silva (*O aniversário de D. Miguel* de 1828, *Religião Amor e Pátria*, ambos de 1839). A autora descreve que o impacto destes em relação ao sistema literário foi pequeno e insignificante, e aponta a efetividade de José de Alencar (1829-1877) para o estabelecimento do romance histórico no Brasil. A estudiosa revela a admiração de Alencar por Scott (o criador do romance histórico), evidenciando a aproximação do romancista brasileiro ao pioneiro do romance histórico em seus principais romances indianistas.

Ainda sobre esse início, Pedro Brum Santos (2011) confirma que a ficção histórica brasileira nasceu romântica e logo se apoiou nos temas indianista e rural, direcionando-se assim ao nacional. Sobre a produção literária histórica nas décadas entre 1850 e 70 o autor revela que:

[...] concentra-se posteriormente, e de modo crescente, na vertente da ficção rural — daí a importância dessa manifestação para a linha evolutiva da ficção brasileira, que tentamos compreender. Franklin Távora e Bernardo Guimarães, que a partir de 60 produzem vários romances que combinam recorte regional e conteúdo histórico, inauguram a combinação que, nos limites do processo romântico, amplia e expande o interesse pelo “passado lendário”. Com eles, o legado historicista do primeiro romantismo deslocava-se para as margens. Objetivamente, uma renovada “consciência histórica” expressada pelo interesse nas “tradições rurais” ampliava a instituição literária, num último desdobramento do projeto romântico, fazendo-a florescer em regiões afastadas do centro

cultural dominante. (SANTOS, 2011, p. 289)

Segundo ele, esse gênero foi bastante difundido no século XIX, passando por uma crise no final do romantismo, permitindo, entretanto, as marcas de uma consciência histórica que só seria reacendida pelas gerações seguintes sob a inspiração do regionalismo. O pesquisador aponta que os romances rurais de José de Alencar (*O gaúcho* – 1870, *O tronco do ipê* – 1872 e *Til* do mesmo ano e *O sertanejo* 1875) eram a tradução do tema da nacionalidade literária embasada pela matéria histórica, mas esbarrada no mito.

O pesquisador do romance histórico no Brasil revela que, na última década oitocentista, as expressões nativas e populares, o simbolismo, as imagens e os tipos regionais já não interessavam tanto como mito ou história, cedendo espaço para a carga de conflitos sociais ou morais. Nesse período, os temas giram em torno de acontecimentos climáticos, ciclos econômicos, rusticidade e solidão dos tipos humanos das campanhas ou dos sertões. Nesse momento da história, o romance histórico, é marcado por um visível declínio, mas passa por reelaboração na obra de Machado de Assis, considerado o maior escritor realista da literatura brasileira.

No início do século XX, o romance histórico se afasta do passado longínquo. Flávio Loureiro Chaves (1988) analisa que em *Esaú e Jacó* (1904), Machado captou a metáfora da vida política brasileira, reelaborando-a esteticamente numa série de contrastes e paradoxos. Segundo ele, no romance machadiano é instaurada uma reflexão sobre o cenário político que situa a burguesia impotente de um lado e o povo que sofre os efeitos do poder do outro.

Sobre o romance histórico nas primeiras décadas do século XX, Pedro Brum Santos (2011) revela que o modernismo inovou em relação à expressão literária e à matéria histórica, inclinando-se a uma antropologia cultural. Segundo o estudioso, mesmo inconscientes, os modernistas resgataram o passado nacional por meio de saberes da arqueologia, do folclore, da linguística entre outras áreas, propondo uma verdadeira revolução formal. Santos (2011) revela que, na obra de Paulo Setúbal, prevalecia a ficção histórica que recuperava personalidades e fatos da história. No romance *O príncipe de Nassau* (1925), o autor escreveu sobre o “Brasil Holandês”; em *As maluquices do Imperador* (1927), o romancista tratou da história de D. Pedro I e, em *A marquesa de Santos* (1930), recriou o Brasil de 1813 a 1929, revelando esteticamente a chegada da Família Real, a abertura dos Portos, a proclamação da Independência e o regime escravocrata.

O romance social brasileiro de 1930 mergulhou na história para trazer à tona os problemas nacionais. Nesse período, a vanguarda europeia

(conquistada na década anterior), já estava congregada a um sistema literário. A matéria literária se afasta da inspiração europeia, recaindo sobre as questões brasileiras, privilegiando o prisma regional e histórico. Sem dúvida, em relação à produção romanesca brasileira da primeira metade do século passado, é na década de 1930 que o romance histórico esteve mais consistente. Nesse decênio, a produção de longa ficção ficou também conhecida como romance social, apropriando-se da história e da realidade como matéria-prima para a elaboração estética criada nesse momento.

Pedro Brum Santos (2011) revela que as biografias históricas elaboradas em *Joana D'Arc* (1935), de Erico Veríssimo; e em *ABC de Castro Alves* (1940), de Jorge Amado, apontam para um novo interesse pelas biografias históricas e que posteriormente resultaria em outros temas, como por exemplo, o tenentismo e a ditadura Vargas, abordados em *Cavaleiro da Esperança* (1942), por Jorge Amado, contribuindo para um inédito comprometimento histórico da ficção, inclinando-se aos conteúdos contemporâneos.

Os artistas das letras das décadas de 30 e 40 da primeira metade do século XX, segundo Antonio Candido (1989), romperam com o romance urbano, libertando-o da futilidade que predominava nas primeiras décadas do século. Os romancistas que surgiram nos anos 1950 tiveram menos potência, porém confirmou o que se pode nomear de 'consolidação da média', havendo a partir desse momento o maior número de bons livros que a ficção literária brasileira havia experimentado. Ele chama atenção para escritores como Osman Lins, Fernando Sabino, Lígia Fagundes Telles, Bernardo Ellis, como alguns dos principais nomes responsáveis pela boa literatura produzida nos anos 50 e 60. O crítico literário brasileiro ressalta que:

[...] deles, só o último é regionalista; os outros circulam no universo dos valores urbanos, relativamente desligados de um interesse mais vivo pelo lugar, o momento, os costumes, que em seus livros entram por assim dizer na filigrana. Também nenhum deles manifesta preocupação ideológica por meio da ficção, com exceções que aumentam depois do golpe militar de 1964. Por isso, é difícil enquadrá-los numa opção, no sentido definido acima. Direita ou esquerda? Romance pessoal ou social? Escrita popular ou erudita? Pontos como estes, antes controversos, já não têm sentido com relação a livros marcados por uma experiência abrangente, segundo a qual a tomada de partido ou a denúncia são substituídas pelo modo de ser e existir, do ângulo da pessoa ou do grupo. (CANDIDO, 1989, p. 205)

Sobre a produção literária da década de 1950, Flávio Loureiro Chaves (1988) destacou como histórico o romance *Memórias do cárcere* (1953), do escritor alagoano Graciliano Ramos. Nessa obra, o narrador soube “captar a verdadeira medida da farsa mesquinha que emoldurou o governo de Vargas, a citar: a dominação fascista” (CHAVES, 1988, p. 50). Para o estudioso da obra de Graciliano, o romancista criou a metáfora da tirania, por meio do seu realismo, ao redimensionar em diversos graus de profundidade toda a miséria da dominação. O teórico também acrescentou que o escritor alagoano captou pedaços de verdades nos absurdos mais evidentes, atualizando a ficção brasileira no espaço da tradição histórica.

Ao tratar da ficção brasileira nos anos 1960, merece um olhar especial, a série literária do escritor brasileiro Érico Veríssimo *O tempo e o Vento* que foi dividida em *O Continente* (1949), *O Retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1961). Nessa saga, o escritor gaúcho reconta artisticamente duzentos anos de história do Rio Grande do Sul que vai de 1745 até 1945. Segundo Zilberman (2003), o escritor gaúcho refletiu sobre o Rio Grande do Sul e o Brasil no século passado, interpretou a história conforme o seu ângulo e foi capaz de atingir a fidelidade histórica, atribuindo sentido ao momento representado que se concretizou nas personagens da narrativa. Flávio Loureiro Chaves afirma que *O tempo e o vento*:

[...] é manifestamente histórico e, na medida em que sua ação se aproxima dos dias atuais, inscreve a crítica ao Estado Novo como preocupação itinerante. Metamorfoseando na personagem de Floriano Cambará, o narrador observa a degradação dos ideais no desastre político de 1930, quando a descendência dos ‘heróis’ se prostitui na subserviência à ditadura vitoriosa. (1988, p. 26)

É importante salientar que em boa parte do romance histórico brasileiro conservaram-se os paradigmas da tradição. Nenhuma de suas nuances se afastou totalmente da história como força da redenção. Para Santos (2011), a consciência histórica se manteve presente, sendo guiada pelo realismo e denunciando, por meio da arte, tudo que pudesse se opor à humanidade.

Enfim, pode-se dizer que o romance histórico no Brasil está presente desde as primeiras narrativas de longa ficção produzidas em solo brasileiro por romancistas nacionais. Essa forma de expressão foi utilizada pelos artistas das palavras para nacionalizar a literatura brasileira, por meio dos costumes, da tradição, do popular, do nacional, das relações sociais, da descrição de lugares, das cenas e fatos históricos em uma verdadeira tentativa de investigação e redescoberta do Brasil.

## A QUESTÃO DO NEGRO NO ROMANCE DE JORGE AMADO

Dos romancistas brasileiros que escreveram sobre o negro, Paulo Tavares (1983) destacou a importância de Jorge Amado. Sobre a obra do escritor baiano, o crítico revela ser isenta de resquício paternalista, pois nela, o negro é tratado num nível de inteira igualdade, e esse nivelamento não havia ocorrido na literatura brasileira antes de Jorge Amado:

De fato, até então o negro como pessoa fora descrito como sendo quase tudo cabível numa escala de interpretação: um antropeide mais evoluído adequado para trabalhos pesados, um selvagem à beira da insubmissão, um bruto incapaz de elaboração intelectual, um servo dedicado ao senhor, um herói decidido a lutar contra a opressão, uma vítima sedenta de justiça, uma criatura exótica que desperta erotismo, um ser humano desfavorecido [...]. (TAVARES, 1983, p. 177)

Após Jorge Amado, o negro passou a ser apresentado de forma integrada à conjuntura do ambiente social brasileiro. Segundo Luiz Gustavo Freitas Rossi (2009), as preocupações relativas às ideologias políticas e estéticas de Jorge Amado são de suma importância para a compreensão da incorporação do negro e do racial na literatura dos anos 1930 do século XX. Para Rossi (2009), o romancista ao tratar das questões raciais visa ao surgimento de uma poesia renovada que passe a se preocupar com o sentimento negro ao invés de falar sobre o negro.

O tema do negro como matéria dos romances amadianos ganhou nova nuance nos anos 1930 e os estudos de Gilberto Freyre sobre as relações raciais foram de suma relevância para essa iniciativa. Um novo arsenal teórico que apostava ser a cultura um conceito importante para desmistificar os problemas que anteriormente tinham explicações biológicas e físicas foi importante para a mudança de pensamento de toda uma geração de intelectuais. *Casa Grande e Senzala* (1933) permite uma modificação no pensamento vigente em relação à aversão à mistura de raças, passando à defesa absoluta da miscigenação.

Na obra de Jorge Amado, a abordagem das questões étnicas se fez presente, entretanto merece uma percepção atenta que se afaste da superficialidade. O pesquisador Gregory Rabassa ressalta sobre a obra de Jorge Amado que representa:

[...] o melhor retrato dos negros da Bahia e dos estados vizinhos. Todos os romancistas da região juntos não chegam a

dar uma parte de sua visão panorâmica dessa existência.  
(RABASSA, 1965 *apud* MACHADO 2013, p. 24)

Ana Maria Machado (2013) destaca que, na utopia amadiana, a transformação social tem suas origens na vivacidade da cultura popular e na intertessitura de uma variedade de contribuições. Ela acrescenta que Jorge Amado se baseia na evidente e inegável mistura étnica brasileira para definir a mestiçagem cultural, como um traço distintivo da identidade nacional. Nesse sentido, a utopia do romancista baiano luta para abolir a cultura popular do domínio exercido pela cultura erudita; distancia-se da autoridade fundamentada na hierarquia e propõe “o reconhecimento, a incorporação respeitosa e a fusão das diferentes contribuições culturais dos tantos plurais que constituem o Brasil” (MACHADO, 2013, p. 25).

A questão étnica na obra de Jorge Amado, segundo a estudiosa, reflete um fenômeno real que é a possibilidade de uma democracia feita por meio da mestiçagem cultural. Para Machado (2013), o romancista baiano não fala de raças e sim de culturas. Já Eduardo de Assis Duarte (2013) observa que, na obra de Jorge Amado, o escritor e o cidadão não se afastam, formando um só sujeito vinculado a terra e ao povo baiano. O romancista é visto como um homem do seu lugar e do seu tempo. O referido pesquisador ainda acrescenta que:

Isso se reflete em suas opções ideológicas quanto à questão etnicorracial. Embalado pelo relógio da História, Amado se encanta com os ideais revolucionários que fazem do seu tempo o tempo da utopia. Tempo de buscar o novo, construir o que não existe. Isso exige entender o presente enquanto momento de um processo cujos fundamentos remontam ao passado. O que impõe conhecer o trânsito contínuo entre o hoje e o ontem para vislumbrar a luz do amanhã lá fundo no túnel da História. (DUARTE, 2013, p. 40)

Já foi ressaltado que os personagens femininos e negros, a partir de *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), surgem redimensionados na ficção amadiana. Nesse sentido, essas figuras passam a dar visibilidade à assimetria presente entre a relação homem e mulher ou branco e negro, denunciando a gritante desigualdade entre tais sujeitos históricos na nossa organização social. Bergamo assevera que, na obra amadiana, após *Gabriela, cravo e canela*, ocorre “a realocação do problema do negro na sociedade brasileira [que] ganha ímpeto num contexto nacional de estudo e de valorização da contribuição africana como uma das matrizes da nossa formação cultural” (2012, p. 79).

Rita Olivieri-Godet (2014) afirma que Jorge Amado foi um dos principais protagonistas da luta contra o racismo, sua atuação inclui uma forte oposição contra a criminalização dos rituais religiosos do candomblé. Ela relembra que foi o escritor baiano, no tempo que atuou como deputado, quem criou o artigo autorizando a liberdade religiosa na carta magna brasileira. Segundo a pesquisadora, Jorge Amado:

Sempre posicionou a favor do sincretismo religioso que resulta da mistura da origem africana do candomblé com elementos do catolicismo popular brasileiro. Colocou-se, portanto, frontalmente contra a tentativa de intelectuais, como Pierre Verger, que, adotando uma perspectiva etnicista visava restituir a “pureza” da identidade ao candomblé da Bahia. Amado considera que essa estratégia, espécie de racismo avesso, estava totalmente desvinculada da sua percepção da realidade “misturada” brasileira, sincrética nos campos religioso, cultural e étnico. (OLIVIERI-GODET, 2014, p. 29)

Rossi (2009) destaca que Jorge Amado, por meio de um olhar sensível, soube captar em nossa história escravista um excelente material para representar esteticamente as desigualdades da moderna sociedade brasileira. Com uma visão sociológica extremamente aguçada, o escritor do povo oprimido:

Esteve, portanto, atento ao fato de que abordar a divisão entre ricos e pobres no Brasil significava falar do lugar e da inserção dos antigos escravos negros no regime capitalista: ou melhor, de uma parcela da população brasileira que se mostrava duplamente oprimida como raça e como classe. (ROSSI, 2009, p. 28)

Em suma, o mencionado antropólogo afirma que Jorge Amado foi reconhecido pelos intelectuais que se interessavam pela cultura afro-brasileira como um dos seus pares, sobretudo, por causa da sua atuação na modalidade de produção que o consagrou: o romance. Diante desse contexto, que trata da figura do negro na obra de Jorge Amado, será analisada a narrativa de extração histórica *Tenda dos milagres*.

#### TENDA DOS MILAGRES: A FIGURAÇÃO HISTÓRICA DO RACISMO NO BRASIL

O romance *Tenda dos milagres* (2010) é o décimo sexto de Jorge

Amado. O livro reflete esteticamente o racismo e a miscigenação na composição da sociedade brasileira. Entretanto, muitos outros temas, presentes nas décadas retratadas pelo romance, surgem dialogando com o principal: hierarquias sociais, lutas de classe, desemprego, colonialismo cultural, ditadura militar, censura, greve, religião e outros. Sua narrativa organiza-se retrospectivamente e de forma descontínua. A figura do protagonista é retirada do anonimato após 25 anos de sua morte. Um notável e Nobel etnólogo americano visita Salvador com a intenção de conhecer melhor a obra e a biografia do escritor desconhecido e ignorado pela sociedade brasileira: Pedro Arcanjo.

O enredo é desenvolvido em dois planos. No principal, conta-se a vida de Arcanjo como teria sido realmente: o intelectual popular, o protagonista de diversos amores, o confronto com as autoridades repressivas e intelectuais em defesa da cultura negra diminuída. No segundo plano, surge o Brasil do final do decênio de 60 do século XX, período em que o romance foi escrito. Nessa parte, a ação gira em torno das façanhas publicitárias articuladas para a comemoração do centenário do protagonista. Neste momento, ocorre o apagamento da importância política do personagem principal com o objetivo de despolitizar o herói e construí-lo a gosto da elite da época. É nesse movimento entre passado e presente, e na representação das relações sociais, que Amado resgata artisticamente os dilemas vivenciados pela população negra e mestiça nas primeiras décadas do século XX.

O racismo, retratado no romance em questão, é refletido, apresentando o preconceito de raça e cor que macula a sociedade brasileira e que deixou cicatrizes profundas oriundas da escravidão longeva. Nessa narrativa, literatura e contexto histórico se entrelaçam, apontando dialeticamente o problema do preconceito racial na sociedade brasileira. O romance desenvolvido em dois momentos apresenta no plano central a história de Pedro Arcanjo e sua militância contra o racismo, sendo esse assunto bastante relevante para o tempo histórico no qual se passa parte da narrativa (tempo passado) a citar: as primeiras décadas do pós-abolição. No segundo plano (tempo presente), situado do decênio de 60 do século XX, é visível a tentativa de apagamento da atuação antirracista do herói. Nos dois momentos surgem os costumes, as circunstâncias, os acontecimentos e o caráter dramático da ação, tão presentes nos romances históricos tradicionais. Na obra de Jorge Amado, não houve moderação de críticas ao comportamento racista instalado nos momentos históricos suscitados no texto literário. O romancista demonstrou intensa preocupação pela miséria do negro baiano, apresentando, em dois tempos e sem subterfúgios, as mazelas da sociedade baiana.

Em *Tenda dos milagres* (2010), Jorge Amado atribuiu carga

humanista a tipos sociais, trazendo-os para o cerne da representação artística da realidade e refletindo as forças motrizes que movimentaram o povo de um determinado tempo histórico. De um lado, têm-se as personagens de Pedro Arcanjo, Lídio Corró, Budião, Valdeloir, Assuá, Ester, Majé Bassã, Rosa de Oxalá, que representaram a resistência e a luta contra o preconceito racial; e de outro, os defensores dos costumes europeus, da religião cristã elitizada e das teorias racistas, como o professor Nilo Argolo, Dr. Zezinho e Dr. Francisco.

O narrador enfoca a dureza da elite, a inexistência de oportunidades aos oprimidos, a violência racial estimulada pelo Estado e pelas pesquisas científicas, para reelaborar esteticamente a história do preconceito racial brasileiro. Durante toda narrativa, situações cotidianas e racistas vão surgindo e são apresentadas, por meio da ação protagonizada pelos personagens. A intolerância à expressão religiosa do negro é apresentada no romance, sob o fundamento das teorias racistas. A perseguição exercida pelo personagem Pedrito Gordo, delegado auxiliar, revela a “guerra santa”, impregnada de violência física, psicológica, patrimonial, cultural e moral contra a religião do oprimido:

Saíram cedo, cada qual com seu cacete, pau de criar bicho, moderna lança daqueles beneméritos cruzados, e fizeram bom serviço. Nas três primeiras casas de santo que invadiram folhas fácil a tarefa: axés pequenos, terreiros modestos, festas em começo. Baixaram o porrete, os gritos de dor de velhos e mulheres, música maviosa, animavam os guerreiros no prosseguimento da missão civilizadora. Quando já não tinham a quem espancar, divertiam-se na destruição dos atabaques, dos pejis, das camarinhas. (AMADO, 2010, p. 211)

O título do livro funciona ficcionalmente como um espaço político de discussões populares. A Tenda dos Milagres era um local de trabalho e de reuniões culturais e políticas protagonizadas pelo povo negro, servia de moradia, tipografia, teatro, comércio, ateliê. Era um espaço informal das manifestações populares, verdadeiro centro da vida popular, esconderijo de pais e mães de santos perseguidos. Localizada na Ladeira do Tabuão, em Salvador, foi na Tenda dos Milagres que a cultura baiana, no que tange às manifestações dos negros, foi preservada. A Tenda dos Milagres, sob influência coletiva e econômica, é um espaço de defesa da cultura do oprimido. Dotada de espessura ideológica, tal recinto é reconhecido como um autêntico centro fundamental da vida popular baiana:

No corte da madeira, no risco do milagre, no ai do boticão, na venda de mezinhas, na lanterna mágica, mestre Lídio Corrô ganha seu rico e suado dinheirinho. Mas naquela mesma sala se discute e se decide sobre um ror de coisas. Ali nascem as ideias, crescem projetos e se realizam nas ruas, nas festas, nos terreiros. Debatem-se assuntos relevantes, a sucessão de mães e pais de santo, cantigas de fundamento, a condição mágica das folhas, fórmulas de ebós e de feitiços. Ali se fundam ternos de reis, afoxés de Carnaval, escolas de capoeira, acertam-se festas, comemorações e tomam-se medidas necessárias para garantir o êxito da lavagem da igreja do Bonfim e do presente da mãe-d'água. A Tenda dos Milagres é uma espécie de Senado, a reunir os notáveis da pobreza, assembleia numerosa e essencial. Ali se encontram e dialogam ialorixás, babalaôs, letrados, santeiros, cantadores, passistas, mestres de capoeira, mestre de arte e ofícios, cada qual com seu merecimento. (AMADO, 2010, p. 90)

Esse espaço celebrado, no cotidiano da época representada, funciona como local de resistência e de preservação da cultura negra. A sobrevivência do negro escravizado e dos seus descendentes em solo brasileiro sempre foi regada de muitas dificuldades. Muitas dessas complicações tinham fundamentos racistas. No romance de Jorge Amado, o povo negro resiste à violência racial, utilizando-se de todos instrumentos possíveis.

Contraopondo-se ao que ocorria na Tenda dos Milagres, outro cenário que merece relevância na obra é a Faculdade de Medicina da Bahia. No texto de Amado, neste logradouro, no início do século XX, as teorias racistas surgiram e consolidaram-se cientificamente. A faculdade funcionava como um “ninho de sublitteratura, da mais completa e acabada, da mais retórica, balofa e acadêmica, a mais retrógrada. Na grande escola desfraldaram-se então as bandeiras do preconceito e do ódio” (AMADO, 2010, p. 129). A representação artística na obra de Amado reflete a luta e as oposições da história, dando vida a personagens que se conservam como atores de correntes sociais e de potências históricas. O processo de marginalização surge nessa narrativa no âmbito social, retratando amplamente a relação entre os indivíduos e o seu ambiente social.

O elemento dramático, a concentração dos acontecimentos e a importância dos diálogos surgem como demonstração das forças antagônicas apresentadas na narrativa e são utilizados para retratar as questões cotidianas dos momentos históricos narrados. O debate que se centraliza em torno da temática histórica é usado para refletir as relações, as diferenças sociais e as

ideologias propagadas. Por meio das construções dos diálogos, surgem os elementos dramáticos e a ação épica, apresentando a temática do racismo e da miscigenação que são pontos centrais da trama.

No romance de Jorge Amado, a ficção esteve vinculada à função de interpretação da realidade brasileira, refletindo a origem e a consolidação do racismo do qual são vítimas os negros. É precisamente o povo oprimido que ganha relevância nesse romance. Esta ficção propõe um painel das relações sociais e raciais, em que a questão “de cor” dos personagens é condição básica da existência individual e coletiva, dos conflitos psicológicos, das frustrações afetivas. O romance histórico do escritor baiano revela uma atitude crítica perante a realidade brasileira e uma importante consciência do papel da arte literária, como instrumento de sensibilização e de transformação.

Em *Tenda dos milagres*, as personagens são compreendidas em relação à sua atuação no seu contexto sócio-histórico, alarmando a pluralidade das existências individuais e coletivas. A narrativa histórica de Jorge Amado propõe um mundo imaginário que mantém relação com a realidade da qual o originou. Este romance faz um registro do preconceito racial, do cotiando e das relações sociais entre brancos e negros, da importância e da interferência dos acontecimentos históricos na vida das pessoas, da resistência e da atuação do povo oprimido para a manutenção dos seus costumes.

Na narrativa de Jorge Amado, a elite, o Estado e a ciência são os patrocinadores de toda forma de violência racial direcionada ao povo “de cor”. A ação do romance é traçada a partir da questão da superioridade do branco e da inferioridade do negro, fundamentada pelos estudos científicos da época e consolidada pelo preconceito racial. É evidente que o romance estabelece uma crítica explícita à tradição racista institucionalizada na história oficial brasileira.

Em *Tenda dos milagres* são apresentadas a preferência e a defesa exercida pelos órgãos controladores em favor da cultura europeia elitista, em detrimento da cultura praticada pelo povo negro oprimido. O racismo, exercido nesse tempo, foi subsidiado, fortalecido e solidificado pelas teorias racistas produzidas e propagadas nos séculos passados. O médico Nina Rodrigues foi um dos defensores dessas teorias no Brasil. Segundo ele, a inferioridade social do negro era “inerente à constituição orgânica da raça e, por isso, irreparável” (RODRIGUES, 2010, p.289). Na narrativa de Jorge Amado, a Faculdade de Medicina da Bahia é um espaço que merece relevância, pois nela essas pesquisas se consolidaram:

No começo do século, a Faculdade de Medicina encontrava-se propícia a receber e a chocar as teorias racistas, pois deixara

paulatinamente de ser o poderoso centro de estudos médicos fundado por d. João VI, fonte original do saber científico no Brasil, a primeira casa dos doutores da matéria e da vida, para transformar-se em ninho de sublitteratura, da mais completa e acabada, da mais retórica, balofa e acadêmica, a mais retrograda. Na grande escola desfraldaram-se então as bandeiras do preconceito e do ódio. (AMADO, 2010, p. 129)

Lukács (2011, p. 47) ao estudar o romance de Walter Scott revelou que o escritor escocês introduziu na literatura “o amplo retrato dos costumes e das circunstâncias dos acontecimentos dramáticos da ação e, em estreita relação com isso, o novo e importante papel do diálogo no romance”. Na ficção de Jorge Amado, é possível perceber a presença desses elementos identificados pelo crítico literário na obra de Scott. O leitor, por meio dessa obra, tem acesso aos costumes e às circunstâncias que movimentaram a vida do povo baiano nos séculos representados. Na obra de Jorge Amado, os diálogos revelam as relações entre os pares, e entre estes e seus opositores.

O diálogo foi uma das formas utilizadas pelo protagonista do romance para defender suas teses contra o racismo científico vigente. A conversa a seguir entre o bedel Pedro Arcanjo e seu principal adversário; o catedrático Nilo Argolo, configura-se como estratégia na composição amadiana para apresentar as forças divergentes que permeiam a narrativa:

- Foi você quem escreveu uma brochura intitulada *A vida...*  
— ... *popular da Bahia* — Arcanjo supera a humilhação inicial, dispunha-se ao diálogo. — Deixei um exemplar para o senhor na secretaria.  
— Diga-se “senhor professor” — corrigiu, áspero, o lente ilustre. — Senhor professor, não senhor apenas, não se esqueça. Conquistei o título em concurso, tenho direito a ele e o exijo. Compreendeu?  
[...]  
— Li sua brochura e, tendo em conta que a escreveu — novamente examinou com os olhos fulvos e hostis —, não lhe nego certo mérito, limitando a algumas observações, bem entendido. Carece de qualquer cientificidade científica e as conclusões sobre mestiçagem são necedades delirantes e perigosas. Mas nem por isso deixa de ser repositório de fatos dignos de atenção. Vale leitura.  
[...]  
— O senhor professor não acredita que tais fatos falam a favor de minhas conclusões?

[...]

— Faz-me rir. Seu alfarrábio não contém uma única citação de tese, memória ou livro; não se apoia na opinião de nenhuma sumidade nacional ou estrangeira, como ousa dar-lhe categoria científica? Em que se baseia para defender a mestiçagem e apresentá-la como a solução ideal para o problema de raça no Brasil? Para atrever-se a classificar de mulata nossa cultura latina? Afirmação monstruosa, corruptora. (AMADO, 2010, p. 135-136)

Amado atingiu com essa obra o que Lukács (2011, p. 53) nomeou como ação precípua do ficcionista histórico: “mediar os extremos cuja luta ocupa o romance e pela qual é expressa ficcionalmente uma grande crise da sociedade”. O autor retratou de modo mais amplo a correlação entre o homem brasileiro de determinados momentos históricos e o seu ambiente social marcado pelos acontecimentos públicos notáveis: o pós-abolição da escravidão, a ditadura militar, as teses racistas, as proibições de afoxés e de cultos religiosos de matriz africana, os movimentos estudantis, notadamente.

O comportamento e a relação entre os opressores e os oprimidos surgem na trama amadiana conectados aos acontecimentos históricos, refletindo o despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Segundo Lukács: “o que importa para o romance histórico é evidenciar, por meios ficcionais, a existência, o ser-precisamente-assim das circunstâncias e das personagens históricas” (2011, p. 62). Nesse sentido, as circunstâncias e as personagens históricas, na obra amadiana, revelam a história vivida e protagonizada pelo povo em um determinado momento e lugar.

Nesse romance, Jorge Amado humanizou seu herói e os demais personagens atribuindo-lhes qualidades humanas que possuem relação com a missão histórica do homem do seu tempo. Em *Tenda dos milagres*, ele é o escritor do negro, do pai de santo, dos comerciantes informais, dos funcionários do governo opressor, dos estudantes, dos cientistas, das mulheres da vida. Seu ponto de partida foi a figuração do modo como a discriminação racial afetou o cotidiano das pessoas e as alterações materiais e psicológicas causadas pelo racismo. Nesse contexto racista, a elite utilizou-se de todos os esforços para dizimar o povo negro e conseqüentemente tudo que houvesse relação à cultura do explorado. A violência física foi, sem dúvida, a mais empregada, o objetivo era sempre o mesmo; exterminar as formas de expressão do povo negro e superestimar a cultura branca europeia:

As escolas de capoeiras fecharam suas portas, quase todas.  
Budião andou uns tempos escondidos. Valdeloir comeu da  
banda podre. Com os capoeiristas, a coisa fiava mais fino, os

secretas não os enfrentavam de peito aberto, tinham medo. De longe e pelas costas, era mais seguro. De quando em vez o corpo de um capoeirista aparecia crivado de balas na madrugada, tiros de tocaia, obra da malta de facínoras. Assim morreram Neco Dendê, Porco Espinho, João Grauçá, Cassiano do Boné.

Entre as vítimas de atropelos e brutalidade, nesse período de fúria desatada, encontrava-se o pai de santo Procópio Xavier de Souza, babalorixá do Ilê Ogunjá, um dos grandes candomblés da Bahia. [...] Nada o abateu, não se deixou derrotar. (AMADO, 2010, p. 236)

Lukács (2011, p. 73) revela que o verdadeiro romance histórico traz o passado para perto de nós, tornando-o experiencial, ele destaca que “sem uma relação experiencial com o presente, a figuração da história é impossível”. No romance de Jorge Amado, os tempos, passado e presente, surgem de forma articulada, os acontecimentos do presente do autor têm origem em fatos anteriores que se conectam com o momento vivido. A discriminação racial tratada em dois tempos aparece elucidando a permanência do racismo nacional. O autor revivifica o passado do pós-abolição como pré-história do presente, ou seja, do final do decênio de 60 do século XX, demonstrando na vivificação artística as forças históricas, sociais e humanas, bem como o desenvolvimento de nossa sociedade racista, revelando aquilo que ela é e aquilo que vivemos atualmente. Pode-se concluir que, no romance histórico de Jorge Amado, é perceptível uma variedade de lembranças que solidificaram e concretizaram o racismo no Brasil. Sendo assim, em *Tenda dos milagres*, o presente permite a compreensão de um passado brasileiro.

O romance é “realista” no sentido do seu devotamento pela temporalidade histórica brasileira em movimento, pela descrição e narração de transformações sociais, pela criação de seus personagens e dos seus destinos em que importam os antecedentes, as origens do racismo, assim como a função deletéria que o preconceito desempenha na coletividade nacional. Nilo Argolo, Pedro Arcanjo, Pedrito Gordo, Rosa de Oxalá, Fausto Pena, Ester, Maje Basã, Lídio Corró, entre outros, são personagens verossímeis. Essa capacidade de construir esses personagens possibilitou a percepção do mecanismo social, a visualização das interações, a crítica do escritor, e a reflexão histórica capazes de proporcionarem ao leitor brasileiro sua condição de herdeiro do passado racista nacional. Flávio Loureiro Chaves afirma que “o verdadeiro sentido que o contador de histórias atribui à sua missão estabelece o trânsito entre o mundo das personagens e o registro histórico” (1988, p. 44). Na obra de Jorge Amado, os acontecimentos

históricos estão diretamente ligados à vida das personagens, a história do racismo e da resistência.

Ao mencionar os pilares do romance histórico, Zilberman (2003) ressalta que a época representada deve coincidir com um período de crise e mudança. Na história brasileira, um dos momentos históricos mais importantes está relacionado à abolição da escravidão e à falta de assistência do Estado aos ex-cativos. Na obra de Jorge Amado, os eventos que antecederam e sucederam a abolição não são tão relevantes, a preocupação do romancista consistiu em apresentar os indivíduos que concretizaram o modo de ser, de pensar e de atuar nesses momentos decisivos, em que a discriminação racial sonegava a dignidade do oprimido. Amado se empenhou em denunciar as mazelas racistas patrocinadas pelas instituições formais e seus pesquisadores. Numa das conversas entre o protagonista Arcanjo e o seu principal adversário Argolo, fica evidente a depreciação da arte, dos costumes e da cultura do negro, bem como, a tentativa empregada pela elite racista em eliminar as formas de expressão dos subjugados:

Você confunde batuque e samba, hórridos sons, com música; abomináveis calungas, esculpidos sem o menor respeito às leis da estética, são apontados como exemplos de arte; ritos de cafres têm, a seu ver, categoria cultural. Desgraçado deste país se assimilarmos semelhantes barbarismos, se não reagirmos contra esse aluvião de horrores. Ouça: isso tudo, toda a essa borra, proveniente da África, que nos enlameia, nós a varreremos da vida e da cultura da pátria, nem que para isso seja necessário pregar a violência. (AMADO, 2010, p. 136)

No cenário construído em *Tenda dos milagres* é evidente o desejo de realização de uma releitura crítica da história do racismo brasileiro. A dinâmica histórica figura a narrativa de Amado, quais sejam: a história do preconceito racial na sociedade brasileira, as marcas inapagáveis da origem escravocrata de tal organização social de base colonial e a luta dos oprimidos pela sobrevivência do seu povo, da sua história, da sua religião e da sua cultura. É possível uma investigação de *Tenda dos milagres*, como forma literária do romance histórico, desvendando a história em movimento, a valorização da história que se concretiza no cotidiano, o movimento antagônico das forças motrizes, bem como o reconhecimento de que a história é mutável.

Enfim, nessa obra, os personagens são expostos a acontecimentos do seu tempo, por meio de um realismo capaz de oferecer a compreensão das relações sociais. Diante do exposto, *Tenda dos milagres* pode e deve ser analisado sob a perspectiva das narrativas históricas que evidenciam o nível

das consciências individuais do tempo retratado e fornecem uma visada crítica que desvela as contradições do racismo no Brasil. É importante destacar que esse gênero contextualizado à realidade brasileira se reveste das características locais, ora se distanciando da forma clássica, ora não, confirmando a ideia “de que nenhum período estético é homogêneo” (ANDERSON, 2007, p.217). O citado teórico (2007) esclarece que nos romances históricos contemporâneos estão em voga os dilemas de momentos decisivos da vida nacional: Ditadura Militar, assassinatos raciais, vigilância onipresente, entre outros. Nesse contexto, *Tenda dos milagres* apresenta uma inquietude que é inerente aos países de origem colonial e que se materializa quando busca nas raízes de fundo cultural a identidade e a história do povo brasileiro, nas quais se encontram as bases estruturais do racismo no nosso país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os romancistas brasileiros utilizaram dos elementos do romance histórico para reinterpretar o Brasil. De José de Alencar a Jorge Amado é possível perceber fortemente a permanência da ficção histórica revestida das características locais que singularizam a literatura brasileira. Sobre a temática histórica presente em *Tenda dos milagres*, Jorge Amado revela, no seu livro de memórias *Navegação de Cabotagem*, que esteve atento e interessado em combater o racismo brasileiro por meio da sua arte:

Menino de quatorze anos comecei a trabalhar em jornal, a frequentar os terreiros, as feiras, os mercados, o cais dos saveiros, logo me alistei soldado na luta travada pelo povo dos candomblés contra a discriminação religiosa, a perseguição aos orixás, a violência desencadeada contra pais e mães-de-santo, iaôs, ekedes, ogans, babalaôs, obás. Não vou me demorar no que me foi dado ver, os lugares sagrados invadidos e destruídos, iy alorixás e babalorixás presos, espancados, humilhados, nunca esquecerei de pai Procópio, as costas em sangue, resultado da surra de chicote no xadrez. Tais misérias e a grandeza do povo da Bahia são a matéria-prima de meus romances, que os leia quem quiser saber como as coisas se passaram [...]. (AMADO, 1992, p. 55)

Jorge Amado combate e denuncia o racismo brasileiro, fazendo uso dos elementos da ficção histórica. A singularidade histórica em *Tenda dos milagres* é marcada e vivenciada pelas personagens, o texto reflete

ficionalmente as hierarquias sociais e a luta de classes, sob o viés do racismo entre o povo que estava à margem (negros, pais e mães de santo, trabalhadores autônomos) e a elite (igreja, Estado, cientistas); o colonialismo cultural, marcado pela repressão dos afoxés no carnaval e a valorização da cultura europeia, a exaltação da religião católica e as prisões de pais e mães de santo que tinham seus locais de manifestações religiosas devastados; as intolerâncias quanto a manifestações durante a ditadura militar, os períodos grevistas sustentados pelos ideais esquerdistas na era pós-Stálin, entre outros assuntos que preocupavam a população baiana, resgatando verossimilmente as sete primeiras décadas do século passado.

Em sua obra, há identificação dos aspectos nefastos de nossa modernidade periférica, tais como: a exploração arcaica do trabalhador do campo e da cidade, a presença implacável do latifúndio que impede a ocupação racional e justa do solo brasileiro, as dificuldades de plena inserção de novos atores sociais no espaço público democrático, como a mulher e o negro. O comprometimento intelectual de Jorge Amado apresenta os entraves de um projeto modernizador inconcluso no Terceiro Mundo, destacando o alto preço de uma modernização atrelada ao capitalismo internacional que aprofunda as desigualdades sociais, subalternizando importantes grupos sociais que encontram, na identidade cultural e também religiosa, uma das únicas formas de resistência ao processo de homogeneização dos novos modos de vida e trabalho. Estamos diante dos impasses da vida brasileira que são representados na obra de Jorge Amado desde os anos 1930 e permanecem atualíssimos, como problemas não superados e desafiadores de uma nacionalidade integradora.

A presença de uma plena consciência, desde o início da carreira, de que o Brasil é uma nação multicultural, caracterizada por uma formação histórica resultante de uma experiência colonial usurpadora, como saldo negativo, mas que, ao mesmo tempo, possibilitou a interação compulsória, agora com saldo positivo, de três grupos étnicos num mesmo território, europeus, africanos e indígenas, é decisiva como projeto literário em Amado. Trata-se de uma obra, com destaque aqui para *Tenda dos milagres*, que celebra esta multiplicidade como um valor, mas não fecha os olhos para as diversas formas de preconceito, de raça e de religião principalmente, responsáveis, em grande parte, pela permanência de disparidades sociais evidentes na configuração social brasileira, visto que, no Brasil, raça e classe são, em certo sentido, questões sociais equivalentes. O longo empenho estético e ideológico do literato Jorge Amado, comprometido em denunciar e problematizar estigmas e distorções de nossa formação nacional, torna-se, nesse sentido, uma ação intelectual fundamental para a transposição dos impasses históricos verificados na vida brasileira de ontem e de hoje.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Tenda dos milagres*. São Paulo: Claro Enigma; Companhia das Letras, 2010.
- ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. Trad. de Milton Ohata. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 77, p. 205-220, 2007.
- BERGAMO, Edvaldo A. Jorge Amado, capitão de longo curso. *Revista USP*. São Paulo, 95, p. 74-83, set.-nov., 2012.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *História e literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade; UFRGS; MEC/SESu/PROED, 1988.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado e a utopia racial brasileira. In: FRAGA, Myriam; FONSECA Aleilton; HOISEL, Evelina (orgs). *Jorge Amado: 100 anos escrevendo o Brasil*. Salvador: Casa de Palavras, 2013. p. 39-57.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 48. ed. Recife: Global, 2003.
- LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MACHADO, Ana Maria. Cem anos de Jorge Amado: uma apresentação. In: FRAGA, Myriam; FONSECA Aleilton; HOISEL, Evelina (orgs). *Jorge Amado: 100 anos escrevendo o Brasil*. Salvador: Casa de Palavras, 2013. p. 17-27.
- OLIVIERI-GODET, Rita. *Jorge Amado em letras e cores: ensaios e desenhos*. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2014.
- ROGRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*. São Paulo: Annablume; Fapesp; Unicamp, 2009.
- SANTOS, Pedro Brum. Literatura e Intervenção: Romance Histórico no Brasil. *Floema*, Vitória da Conquista (BA), n. 9, p. 283-303, jan.-jun. 2011.
- TAVARES, Luís Henrique Dias. A Função da Arte é Ser Útil ao Homem. In: *Miscelânea*, Assis, v. 27, p. 89-110, jan.-jun. 2020. ISSN 1984-2899

TAVARES, L. H. D. (org.). *Jorge Amado: ensaios sobre o escritor*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1983. p. 15-18.

TERTULIAN, Nicolas. O romance histórico In: *Georg Lukács: etapas de seu pensamento crítico*. Trad. de Renira Lisboa de Moura Lima. São Paulo: Unesp, 2008. p. 167-187.

ZILBERMAN, Regina. Romance histórico: teoria e prática. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Lukács e a literatura*. Porto Alegre: Editora da PUC RS, 2003. p.108-139.

Data de recebimento: 2 abr. 2020

Data de aprovação: 10 jun. 2020